



FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
LUMA TRINKS

**A ADULTIZAÇÃO INFANTIL NA CONTEMPORANEIDADE:
CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E ALTERNATIVAS**

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA
2022

LUMA TRINKS

**A ADULTIZAÇÃO INFANTIL NA CONTEMPORANEIDADE:
CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E ALTERNATIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Vivien Kelling Cardonetti

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA
2022

LUMA TRINKS

A ADULTIZAÇÃO INFANTIL NA CONTEMPORANEIDADE: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E ALTERNATIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientadora: Profa^a. Dra. Vivien Kelling Cardonetti

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Vivien Kelling Cardonetti
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso
Antonio Meneghetti Faculdade (AMF)

Prof. Me. Arlei Peripolli
Membro da Banca Examinadora
Universidade Franciscana (UFN)

Profa. Dra. Daiani Clesnei da Rosa
Membro da Banca Examinadora
Antonio Meneghetti Faculdade (AMF)

Recanto Maestro, dezembro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Para a realização desse trabalho de conclusão de curso, contei com a ajuda de diversas pessoas, de forma direta e indireta, às quais tenho muito orgulho de prestar meu reconhecimento. Por isso, agradeço...

... imensamente a todo o corpo docente da Faculdade Antonio Meneghetti que, desde o início da minha trajetória, tem contribuído na minha formação. Em especial, a minha orientadora Profa. Dra. Vivien Kelling Cardonetti que não mediu esforços para me ajudar. Você sempre me mostrou apoio e confiança, e isso foi essencial para o desenvolvimento do trabalho. Seu carinho, dedicação e amor foram meus alicerces durante esse semestre. Você é a minha inspiração como profissional. Obrigada por me guiar com maestria durante esses anos. Sem você, nada disso seria possível.

... à professora Claudiane Weber por toda sua preocupação e empenho para fazer possível a realização desse trabalho. Você me auxiliou de maneira leve e eficaz, e isso fez toda diferença!

... aos meus pais, Solane Trinks e Celso Trinks, e a minha avó, Alsira Kipper Trinks, que foram meus maiores suportes emocionais. Eu amo vocês e reconheço a confiança que tiveram em mim. Vocês são incríveis!

... a Antonio Meneghetti Faculdade, que durante todos esses anos me concedeu diversas oportunidades de crescimento, além de uma atenção admirável à minha formação e ao Curso de Pedagogia.

Por fim, agradeço aos meus colegas de curso e amigos da vida que me ouviram, tranquilizaram-me e me ajudaram, sendo compreensivos durante a elaboração desse trabalho. Eu amo vocês!

A Gratidão preenche a minha alma, guia o meu caminho e ilumina a minha vida.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha avó materna, Laureci Laura Katzer (In Memoriam), que faleceu de maneira trágica em 2020, durante minha graduação.

Vó, eu só tive forças para seguir em frente porque sei que continua a olhar, zelar e torcer por mim.

Você foi um dos meus maiores exemplos de pessoa e mulher. Tudo o que eu mais queria na vida é que estivesse ao meu lado, comemorando as minhas conquistas.

Eu te amo daqui até a eternidade. E nunca, jamais, em nenhum milissegundo, vou esquecer-me do que você significa pra mim.

*“Nem sei por que você se foi
Quantas saudades eu senti
E de tristezas vou viver
E aquele adeus, não pude dar
Você marcou em minha vida
Viveu, morreu na minha história
Chego a ter medo do futuro
E da solidão, que em minha porta bate”*
Tim Maia

Epígrafe

“O que eu faço é uma gota no meio de um oceano, mas sem ela o oceano seria menor”.

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

A adultização infantil na contemporaneidade tem preocupado os educadores, pesquisadores, pais e comunidade em geral. Portanto, esse Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral analisar as causas e as consequências da adultização precoce na infância, desdobrando-se em alguns objetivos específicos, que têm como propósito: descrever como o conceito de infância sofreu mudanças ao longo dos séculos; pesquisar a influência das mídias sociais na adultização infantil e suas implicações no ambiente educativo e em outras esferas da vida; e investir no sentido afirmativo e inventivo da infância na experiência educativa. Para a construção do trabalho, optou-se por utilizar a pesquisa bibliográfica, com o intuito de obter mais informações e apontamentos teóricos sobre o assunto. Para contribuir na pesquisa, passou-se a utilizar também a Investigação Baseada nas Artes (IBA), com a finalidade de provocar aquilo que somente o texto não é capaz. Para tal fim, foram utilizadas imagens publicitárias, charges, fotografias e obras de artistas, com intuito de contribuir na ampliação e problematização do tema escolhido. A partir das análises, constata-se que a adultização está presente na sociedade desde a idade média, época em que as crianças eram consideradas “mini adultos”. Na contemporaneidade, um dos grandes fatores casuísticos dessa adulez precoce é o uso indiscriminado das mídias sociais, o qual provoca inclusive o consumismo infantil e a erotização precoce. Como forma de superar essas situações, a pesquisa buscou problematizar e apresentar algumas possibilidades de práticas docentes que investem na positividade, singularidade e potência da criança, ou seja, naquilo que a própria condição infantil já apresenta. Considera-se que na infância a imaginação, o brincar, os jogos, o faz-de-conta e a criação necessitam ser valorizados e instigados. O educador precisa manter uma postura mediadora e participativa. Considerando a importância desse tema na atualidade, o presente trabalho promove diferentes aprendizagens e reflexões.

Palavras-chave: Infância; Mídias Sociais; Erotização Precoce.

ABSTRACT

Child adulization in contemporary times has worried educators, researchers, parents and the community in general. Therefore, this Final Paper has the main objective of analyzing the causes and consequences of early adultization in childhood, unfolding into some specific objectives, which have the purpose of: describing how the concept of childhood has changed over the centuries; researching the influence of social media in child adultization and its implications in the educational environment and other spheres of life; and investing in the affirmative and inventive sense of childhood in the educational experience. To build this work, we chose to use bibliographic research, in order to obtain more information and theoretical notes on the subject. To contribute to the research, we also used the Arts-Based Research (IBA), with the purpose of provoking what the text alone is not able to. To this end, advertising images, cartoons, photographs, and artists' works were used in order to contribute to the expansion and problematization of the chosen theme. Based on the analyses, it can be seen that adultization has been present in society since the middle ages, a time when children were considered "mini adults". In contemporary times, one of the major casuistic factors of this precocious adulthood is the indiscriminate use of social media, which even provokes child consumerism and precocious eroticization. As a way to overcome these situations, the research sought to problematize and present some possibilities of teaching practices that invest in the positivity, uniqueness, and potency of the child, that is, in what the child's own condition already presents. It is considered that in childhood, imagination, play, games, and creation need to be valued and stimulated. The educator needs to maintain a mediating and participative posture. Considering the importance of this theme today, the present work promotes different learning and reflections.

Keywords: Childhood; Social Media; Early Erotism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA.....	10
2 METODOLOGIA.....	13
3 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INFÂNCIA AO LONGO DA HISTÓRIA.....	15
3.1 A infância na contemporaneidade.....	19
4 A ADULTIZAÇÃO INFANTIL.....	24
4.1 As mídias sociais como propulsora da precocidade infantil no mundo adulto.....	26
4.1.2 A construção erotizada da imagem do corpo infantil.....	34
5 O INVESTIMENTO NO SENTIDO AFIRMATIVO E INVENTIVO DA INFÂNCIA.....	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA

Navegando pelas mídias sociais ou observando a chegada das crianças às escolas, nota-se com certa frequência crianças que, desde muito cedo, possuem comportamentos similares a dos adultos, tanto na vestimenta quanto no modo de se exporem na internet. Isso é perceptível, também, na agenda lotada de tarefas diárias extraescolares, muitas vezes associadas aos seus consumos ou suas necessidades em atender às expectativas de adultos. Tais situações provocam o avanço precoce de uma fase importante de todo ser humano, a infância.

Atualmente, uma das preocupações dos pesquisadores que estudam a infância tem sido esta adultização infantil que, para Plácido e Santos (2021, p. 172) é “[...] o processo de querer acelerar o desenvolvimento das crianças para que se tornem adultas sem que passem pelas fases de desenvolvimento natural”.

O conceito de infância foi construído historicamente, desde a Idade Média, momento em que o sentimento de infância sequer existia e as crianças eram consideradas “adultos em miniatura” (ARIÈS, 2014). Diante desses estudos, faz-se a seguinte indagação: Será que as crianças não são tratadas como adultos até os dias atuais?

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

Entretanto, na contemporaneidade, desde muito cedo as crianças tem acesso às mídias sociais, influenciando seus interesses e comportamentos. Oleques e Zucolotto (2019) colocam que além de certo excesso tecnológico, muitas vezes as crianças acabam parecendo também mini adultos, com agendas recheadas de atividades e compromissos, situação que torna a infância cada vez mais curta, com menos oportunidade de se relacionar e brincar com outras crianças.

A autora Silva (2019, s.p.) coloca que “há um esforço por parte do governo em garantir e assegurar os direitos da criança, principalmente a possibilidade de estar explorando as ferramentas digitais, que já são partes integrantes do seu dia a dia”. Porém, a própria autora acabou percebendo que faltam ainda muitas políticas públicas para que a tecnologia seja de fato integrada à escola e para que as crianças possam usufruir de seus benefícios de maneira

equilibrada e saudável (SILVA, 2019). Os autores Oleques e Zucolotto (2019, p. 842) apontam que:

[...] podemos pensar que a infância de hoje está bastante diferenciada daquela de décadas atrás, uma infância atual que é invadida pelas novas tecnologias, as quais têm efeitos extremamente positivos, mas que, por outro lado, podem também fazer com que as crianças se ausentem, em alguma medida, das relações interpessoais e das brincadeiras com os iguais.

De fato, hoje em dia, as crianças são expostas a diferentes propagandas, filmes, novelas, revistas e redes sociais que as incentivam a ter, precocemente, um pensamento não condizente às suas idades. Isto é, a influência das mídias sociais passa a contribuir nessa aceleração à fase adulta.

Diante do exposto, trazem-se alguns questionamentos: Como se dá essa problemática no dia a dia da escola? Como as famílias tentam lidar com isso? A escola e a família se dão conta que esse é um problema que merece atenção? De que maneira a escola e a família também contribuem para essa adultização precoce?

Segundo Kalamar e Castilhos (2020, p. 176) “Antecipar a infância é perder a essência da criança que tem o seu ritmo de formação acelerado, não conseguindo acompanhar intelectualmente este amadurecimento precoce”. As autoras ainda complementam que essas preocupações e exigências, assim como as influências midiáticas desde cedo não correspondem com o período da infância e a distanciam cada vez mais do mundo infante (KALAMAR; CASTILHOS, 2020).

Nesse sentido, leva-se a crer que há certa naturalização em relação à adultização, ocasionando um aceleração à fase adulta e prejuízo ao desenvolvimento da criança. Conforme ressaltam Plácido e Santos (2021), adultizar a criança é uma maneira eficiente de destruí-la. Por isso, essa pesquisa se propõe a lançar um olhar crítico e problematizador sobre a adultização infantil, buscando dar visibilidade na importância de crianças terem o seu direito de viver a infância como crianças, desfrutando das brincadeiras, dos jogos e da sociabilidade com seus coetâneos.

O interesse desse tema se deu a partir de observações da autora em relação aos estudantes com os quais a mesma teve contato durante suas experiências de estágio na graduação em Pedagogia, momentos em que pôde perceber principalmente a sexualização precoce de meninas, a vergonha por parte dos estudantes em serem crianças e a influência das mídias sociais e jogos digitais desde cedo.

Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo geral analisar as causas e as consequências da adultização precoce na infância. E os objetivos específicos têm como

propósito: a) descrever como o conceito de infância sofreu mudanças ao longo dos séculos; b) pesquisar a influência das mídias sociais na adultização infantil e suas implicações no ambiente educativo e em outras esferas da vida c) investir no sentido afirmativo e inventivo da infância na experiência educativa.

Com a intenção de operar na pesquisa, optou-se por trabalhar com a pesquisa bibliográfica, com intuito de ter acesso às pesquisas existentes em relação ao tema investigado. Segundo Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites, etc. Nesse sentido, Gil (2002, p. 17) expõe que pesquisa bibliográfica é “um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Com o intento de dialogar com as imagens publicitárias e as obras de artistas convidadas a compor esse trabalho, mais uma metodologia passou a adentrar e atuar na pesquisa, isto é, a Investigação Baseada nas Artes (IBA). A IBA é uma pesquisa de orientação qualitativa que utiliza ensaios artísticos, sejam estes literários, visuais ou performativos (HERNÁNDEZ, 2008), com a finalidade de “dar conta de práticas de experiências nas que tanto os diferentes sujeitos (pesquisador, leitor, colaborador) como as interpretações sobre suas experiências revelem aspectos que não são visíveis em outro tipo de investigação” (OLIVEIRA; CHARREÚ, 2016, p. 372).

Esse trabalho busca entender os fatores casuísticos da adultização infantil, perpassando por uma pesquisa minuciosa, em que primeiramente se procurou entender a história da construção do conceito de infância, analisando também a infância na contemporaneidade. Em seguida, procura investigar a adultização infantil e a influência das mídias sociais passando a explorar, em razão disso, como ocorre a construção erotizada do corpo feminino de forma precoce. Por fim, explora as instâncias inventivas da infância, contribuindo para uma experiência educativa que brinda essa etapa da vida.

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse trabalho, optou-se por utilizar a pesquisa bibliográfica com intuito de ter acesso ao material bibliográfico existente no que diz respeito ao tema investigado. Gil (2002) define pesquisa bibliográfica como um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Os autores Sousa, Oliveira e Alves (2021, p. 65) complementam que “[...] é um processo de investigação para solucionar, responder ou aprofundar sobre uma indagação no estudo de um fenômeno”.

Para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Nessa pesquisa se utilizou as ferramentas Google Acadêmico, Minha Biblioteca (recurso disponibilizado para estudantes e professores da Antônio Meneghetti Faculdade), livros e artigos de periódicos.

Como forma de contribuir com o trabalho, passou-se a operar também com a Investigação Baseada nas Artes (IBA), na qual busca explorar os processos artísticos a partir de outros pontos de vista. Por isso, essa proposta metodológica se movimenta de maneira a problematizar elementos que não são formulados apenas com a pesquisa bibliográfica (HERNÁNDEZ, 2013), mas sim com uma infinidade de materiais.

Nesse sentido, é importante frisar que “A Investigação Baseada nas Artes pode ser utilizada para capturar o inefável, o que resulta difícil colocar em palavras” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 54). Apesar dessa proposta metodológica não ser muito conhecida,

A “investigação baseada nas artes” não é exclusividade do campo educacional, outras áreas, como antropologia, sociologia e psicologia, têm se servido desse mesmo método para realizar suas pesquisas. Método esse que tem tido ampla aceitação nas instituições do Ensino Superior de diferentes países, inclusive no Brasil (OLIVEIRA; CHARRÉU, 2016, p. 371).

No Brasil, a IBA começou a ser trabalhada nos cursos de Artes Visuais, a partir de 2000, mas logo depois começou a ser explorada em pesquisas de Pós-Graduação em Educação, principalmente na UFSM, UFG e UnB. Isso se deve pelas parcerias empreendidas entre o professor espanhol Fernando Hernández e os professores dessas universidades do Brasil que realizaram o doutorado na Espanha.

Ao compreender a importância dessa proposta investigativa para o Curso de Pedagogia e também para o estudo desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), buscou-se apostar por essa via. À vista disso, nessa pesquisa foram utilizadas imagens publicitárias, charges, fotografias e obras de artistas, com intuito de contribuir na ampliação e problematização do tema aqui escolhido, possibilitando uma reflexão frente aos estudos da autora.

Desse modo, cabe lembrar que a IBA “[...] não pode ser facilmente ignorada - demanda nossa atenção sensorial, emocional e intelectual” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 54). Por isso, a autora optou por utilizar as imagens junto ao corpo desse texto, pois a mesma se sentiu tocada por elas, fazendo-a pensar sobre a adultização infantil a partir/com das/as imagens selecionadas a compor essa pesquisa. Isso ocorre, segundo Hernández (2013, p. 54), porque “As imagens ou experiências que têm uma referência emocional permanecem conosco, talvez ocultas em nosso inconsciente, para aparecer e provocar uma resposta mais tarde”.

Nesse sentido, as visualidades trazidas passam a ser encaradas como disparadoras do pensar, pois o que é levado em consideração é a maneira como se relaciona com essas imagens e de que forma elas passam a potencializar a escrita. Por isso, vale salientar que

[...] o que caracteriza a “investigação baseada nas artes” não é a inclusão de imagens ou de textos literários, poesias, desenhos, etc., para compor a pesquisa, mas o modo como essas e outras formas de representação artística se inserem na pesquisa, onde se situam e, acima de tudo, onde nos situam como pesquisadores e leitores. Não se trata, portanto, de usar determinados métodos ou práticas “artísticas”, mas de nos relacionarmos de “outro modo” com o que investigamos, de nos apropriarmos de um outro tipo de olhar que reconhecemos no “artístico” e que nos permite vislumbrar aquilo que, mediante outras metodologias, seria impossível (OLIVEIRA; CHARREU, 2016, p. 373-374).

A partir do que foi exposto até o momento, a pesquisa bibliográfica em aliança com a IBA foram essenciais para um melhor entendimento do tema pesquisado. Hernández (2013) confirma isso quando explicita a importância de “relacionar as imagens e a narrativa do texto para um lugar além do comentário ou da ilustração” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 88), pois é nesse momento que a criação passa a existir em uma pesquisa.

3 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INFÂNCIA AO LONGO DA HISTÓRIA

O conceito de infância passou por numerosas mudanças ao longo do tempo. O autor Ariès (2014) diz que na sociedade medieval o sentimento de infância sequer existia e que nesse período, as crianças eram consideradas “adultos em miniatura”, fazendo parte da convivência dos adultos e adquirindo até os mesmos hábitos. De acordo com Lobo (2013) o papel da criança como pessoa era definido pelas expectativas dos adultos.

Lobo (2013) também expõe que nesse período o índice de mortalidade infantil era extremamente alto, à vista disso, a morte de crianças era considerada natural. Quando sobreviviam, entravam diretamente no mundo dos adultos. A criança era então diferente do homem apenas no tamanho e na força, as outras características eram iguais (ARIÈS, 2014). Segundo o mesmo autor:

O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes (ARIÈS, 2014, p. 99).

Quando a criança adquiria uma mínima capacidade de sobrevivência, eram transferidas para uma segunda família, onde se aprendia os serviços domésticos. Esses trabalhos eram uma forma de educação em todas as classes sociais. Como as crianças saíam muito cedo de casa, não havia afetividade com os próprios familiares (LOBO, 2013). Acredita-se, porém, que a família tinha controle sobre quem a criança se relacionava e o que aprendia durante toda a vida. A autora Lobo (2013, p. 100) também afirma que:

[...] o ingresso da criança na escola significava a entrada no mundo adulto. Os estabelecimentos de ensino funcionavam em qualquer lugar, informalmente, e ensinava-se letras latinas. O professor era apenas o transmissor do conhecimento aos alunos, não se interessando em ouvi-los ou respeitá-los por suas ideias e necessidades diferenciadas de acordo com sua idade.

Menciona-se também que até as intimidades dos adultos eram compartilhadas com os mais novos. Rocha (2002, p. 55) traz que

Os adultos se relacionavam com as crianças sem discriminações, falavam vulgaridades, realizavam brincadeiras grosseiras, todos os tipos de assuntos eram discutidos na sua frente, inclusive a participação em jogos sexuais. Isto ocorria porque não acreditavam na possibilidade da existência de uma

inocência pueril, ou na diferença de características entre adultos e crianças [...].

No século XIV, em função do movimento da religiosidade cristã, surge a criança mística ou criança anjo, uma representação que vai se transformando, assim como as relações familiares. A criança passa a ser educada pela própria família. Nesse momento, surge o sentimento de infância, que será trazido por Ariès (2014) em dois momentos, chamados por ele como: paparicação e apego.

A paparicação era um sentimento pertencente às mulheres encarregadas de cuidar das crianças, suas mães ou amas. Elas literalmente paparicavam e davam excessiva atenção para as crianças (ARIÈS, 2014). Esse sentimento também é marcado pela beleza, ingenuidade e graciosidade da criança (ROCHA, 2002). Até os mais pobres se tornavam mal-educados, pois faziam aquilo que queriam e acabavam sendo idolatrados. Foi com os moralistas e os educadores do século XVII que começou a se formar o sentimento de apego, que não considerava a criança nem divertida e nem agradável, e se exprimia por meio do interesse psicológico e a preocupação moral (ARIÈS, 2014).

Foi dentro desse contexto moral que a educação inspirou o modelo de família conservadora. Como consequência disso, houve a necessidade de impor regras e normas na nova educação e começou a se formar uma criança doutrinada que atendia à sociedade que emergia. Essa concepção de indivíduo fez com que a criança fosse alvo do controle familiar ou do grupo familiar que estava inserida. A partir daí, surgem as primeiras instituições educacionais, permitindo a concepção de que adultos compreendam as particularidades da infância (ROCHA, 2002).

Foi somente a partir do século XVII que começou a se pensar de outra forma, com a interferência dos poderes públicos e com a preocupação da Igreja em não aceitar o infanticídio, que antes era secretamente tolerado. Preservar e cuidar das crianças eram trabalhos realizados exclusivamente pelas mulheres, no caso, as amas e parteiras, que agiam como protetoras dos bebês, criando uma nova concepção sobre a manutenção da vida infantil (ROCHA, 2002). Além disso, as condições de higiene foram melhoradas, um dos motivos foi a preocupação em torno da mortalidade infantil.

A infância começou a ser reconhecida como uma característica da ordem natural. Passou a ser essencial que as crianças aprendessem a ler e a escrever, e a ser o tipo de pessoa que a cultura letrada exigia (POSTMAN, 1999). Ou seja, a intenção de que os menores tivessem certo estudo e conhecimento estava ligado aos interesses dos adultos, tanto pela classe mercantil, quanto pelas igrejas.

A escola se destinava a formar adultos instruídos, e essas crianças deixaram de serem percebidas como adultos em miniatura e passaram a serem vistas como adultos não formados. Segundo Postman (1999, p. 56) “[...] a infância tornou-se uma descrição de um nível de realização simbólica. O primeiro estágio da infância terminava no ponto em que o domínio da fala era alcançado. O segundo começava com a tarefa de aprender a ler”. A diferença no traje das crianças assim como as percepções físicas e características retratadas por pinturas também começou a mudar (POSTMAN, 1999).

Foi então que começou a se pensar a criança com vivências e obrigações diferentes dos adultos. Postman (1999, p. 65) afirma que:

De qualquer modo, como a infância e a idade adulta se tornaram cada vez mais diferenciadas, cada esfera aperfeiçoou seu próprio mundo simbólico e, finalmente, passou-se a aceitar que a criança não podia compartilhar e não compartilhava a linguagem, o aprendizado, os gostos, os apetites, a vida social de um adulto.

Enfim, começou a se enxergar a criança como uma verdadeira criança. No século XVIII, surgiram os primeiros românticos com suas obras. John Locke afirmou a teoria da *tábula rasa*, em que a criança era como uma folha em branco, na qual poderia se escrever o que quisesse. Jean Jacques Rousseau defendeu a ideia da natureza boa, pura e ingênua da criança, assim como a necessidade de respeitá-la e deixá-la livre para que a natureza pudesse agir no seu curso normal, favorecendo o pleno desenvolvimento saudável das crianças (FROTA, 2007).

Então, com a modernidade, a pedagogia se torna ciência (LOBO, 2013). A mesma autora, em sua pesquisa, traz que:

Homens com suas teorias apareceram para confirmar e assegurar essa nova fase: Giordano Bruno (1548-1600) desenvolveu a astronomia; Galileu Galilei (1578-1642) construiu um telescópio e descobriu os satélites de Júpiter; Francis Bacon (1561-1626) deu um novo ordenamento às ciências, propondo a distinção entre a fé e a razão e criando o método indutivo de investigação em oposição ao método de dedução de Aristóteles; René Descartes (1596-1650) criticou o ensino humanista e propôs a matemática como modelo de ciência perfeita; e John Locke (1632-1704) questionou a utilidade do latim para os homens que iriam trabalhar nas fábricas, sugerindo, para eles, a mecânica e o cálculo. (LOBO, 2013, p. 101).

Esse período foi extremamente relevante para a educação que se tem hoje, pois teve inúmeras descobertas, principalmente sobre a matemática, a ciência e a astronomia. A partir desses pensadores, a educação passou de humanista para científica, caracterizando-se pelo realismo. O conhecimento passou a possuir valor quando preparava para a vida e para a ação (LOBO, 2013).

Destaca-se também Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) que, influenciado por Rousseau, preocupou-se com a formação do homem natural. Seu sistema pedagógico tinha como pressuposto básico propiciar à infância a aquisição dos primeiros elementos do saber, de forma natural e intuitiva. Ele também ressaltou a importância da psicologia na educação, definindo-as em função do desenvolvimento da criança (LOBO, 2013). O pensamento de Pestalozzi segue sendo base para vários espaços educativos que acreditam em sua teoria e a praticam no dia a dia.

Durante esse período, a família e a escola se tornaram mais centradas nas experiências formativas dos indivíduos na sociedade, preocupando-se com a formação pessoal e social em concomitância. A família separa a criança da sociedade, mas também passa a ser um lugar educativo e se reescreve como instituição, conseqüentemente, os pais passam a ter mais responsabilidade com os filhos e a escola passa a substituir o aprendizado tradicional (LOBO, 2013). Porém, mesmo trazendo várias revoluções sobre o conceito de infância, a autora Lobo (2013, p. 103) aponta que:

A infância era pensada como um tempo à parte na vida do homem, época da vida em que ele guarda sua inocência original. A educação aparece como a possibilidade de transformar esse ser, moldando-o de acordo com os princípios da sociedade na qual está inserido.

Ressalta-se que, dessa forma, a criança ainda era vista como alguém com utilidade para os adultos, esquecendo a sua verdadeira natureza e liberdade. Lobo (2013) conclui em sua pesquisa que, a partir de Rousseau, a infância ganhou valor e reconhecimento, porém a criança continuava sendo vista como um recipiente, alguém incapaz de conviver socialmente, por não ser dotada de raciocínio.

Na modernidade, nos séculos XIX e XX, a criança começa a ocupar o espaço central na família, o que requer certa atenção da família, e então se consolida regras de dependência moral e social. A criança passa a ser vista como um ser carente e a ter necessidades e cuidados especiais. À vista disso, foram criados os cuidados com os espaços físicos e biológicos, a preocupação cognitiva e social e o cuidado com desenvolvimento sexual sadio (FERREIRA; CARVALHO, 2015).

O estudo sobre o conceito de infância na historicidade reflete à compreensão da criança que se têm na contemporaneidade e também a forma que essa criança é vista na sociedade atual. Bernartt (2009, p. 1) infere que “a ideia de infância na atualidade não pode ser desvinculada da história, das diferentes visões em torno da criança que contribuíram para sua condição atual”. À vista disso, entende-se que as crianças da contemporaneidade não são

iguais às crianças do passado, e nem serão as mesmas dos próximos anos (NIEHUES; COSTA, 2012). Sendo assim, o próximo capítulo busca analisar a infância na atualidade.

3.1 A infância na contemporaneidade

Contemporaneamente, a infância é um momento de descobertas a partir de brincadeiras e vivências. Para Lobo (2013, p. 99) “[...] a infância é compreendida como princípio da vida humana, o começo de tudo, uma etapa a ser seguida por outras”. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), nos termos do art. 2 da Lei 8.069/90, considera a pessoa criança até doze anos de idade incompletos.

Etimologicamente, a palavra infância vem do latim *infantia* e se refere ao indivíduo que ainda não é capaz de falar (FROTA, 2007). Na própria origem da palavra, o direito da criança se expressar como pessoa formadora de opiniões e cidadã pensadora é, de certa forma, impossibilitado. Devido à forma que as enxergamos hoje, e como as crianças se comportam na atualidade, constata-se que elas agem de maneira diferente e única.

Foi somente com o avanço das pesquisas e da ciência em todas as áreas de conhecimento, com o aprimoramento das legislações e com a mudança na estrutura familiar, que houve a contribuição para que a infância fosse reconhecida como um período de profundas transformações de vida (OLIVEIRA; SILVA; PASCHOAL, 2020). É relevante então pensar os motivos que fazem as crianças agirem de tal maneira na atualidade.

Kalamar e Castilhos (2020) dizem que o cenário da infância está mudando e essas transformações podem ser acompanhadas no cotidiano das crianças, que se encontra cada vez mais acelerado em direção ao universo dos adultos. Em relação à ideia de infância na contemporaneidade, Silveira e Souza (2017, p. 69) trazem que:

A partir de 1970, no Brasil, os temas da “infância” e da “criança” ganharam novas dimensões, tanto políticas como sociais. Uma educação se faz respeitando a criança como um todo, criando as condições necessárias para que ela desenvolva suas potencialidades e construa o conhecimento, respeitando seu ritmo, sua realidade, suas fantasias e as fases da infância em si.

Acredita-se que foi a partir das novas legislações que as crianças começaram a ter seus direitos reconhecidos e valorizados. Por exemplo, na Educação Infantil, busca-se apostar em vivências prazerosas e propositivas, atentando para que as crianças sejam respeitadas em seus potenciais e peculiaridades. Nesse sentido, faz-se necessário valorizar o que cada etapa de vida pode oferecer, em vez de exigir atitudes e práticas que não condizem com a fase infantil. Cobranças e imposições são, por vezes, presenciadas na Educação Infantil, o que faz pensar

que exigir atitudes adultas de crianças vai na contramão do que a legislação tem recomendado (SILVEIRA; SOUZA, 2017).

Nesse viés, percebe-se a necessidade de entender o que leva a sociedade contemporânea a pensar a infância de forma efêmera e volátil. Acredita-se que

A adultização na contemporaneidade desconfigura o sentimento de infância advindo com a Modernidade e faz aparecer uma nova infância, a infância adultizada, aquela que necessita ser autônoma, independente, empreendedora, consciente, madura, capaz, proativa, eficaz, eficiente, necessitando, para tal, de aprender a fazer como os adultos fazem, a sentir como os adultos sentem, a pensar como os adultos pensam e assim, de vez, garantirem que a civilização contemporânea – consumista, utilitarista, assente no capitalismo neoliberal – não esteja ameaçada (FERREIRA; FERREIRA; MELO, 2021, p. 215).

As preocupações dos pais em relação ao futuro de seus filhos têm contribuído na adultização infantil, pois na ânsia de preparar um adulto competitivo e de sucesso, a criança passa a ter pouco tempo para brincar e usufruir daquilo que a etapa infantil possibilita, isto é, o lúdico.

Frequentemente, a ludicidade é usada como sinônimo de jogos e brincadeiras, porém “no estado lúdico, o ser humano está inteiro, ou seja, está vivenciando uma experiência que integra sentimento, pensamento e ação, de forma plena” (BACELAR, 2009, p. 25). Portanto, com a ludicidade, a criança aprende com as experiências a posse de si mesma e do mundo, de forma criativa e individual. Entretanto, nem sempre a brincadeira, a dança, o jogo, o desenho, o canto são necessariamente vivências lúdicas (BACELAR, 2009). Nesse viés, o educador tem de tomar cuidado com as atividades propostas, é importante que o planejamento seja feito com objetivos e pensados para e com as crianças.

Figura 1: “Série Meninas” de Cristina Salgado, 1993.



Fonte: <http://www.cristinasalgado.com/meninas>

A obra de Cristina Salgado possibilita um diálogo com essa problemática, pois a organização pelos adultos de uma agenda lotada de atividades extraescolares, como curso de idiomas, esportes, música, xadrez e aulas particulares, preenchem totalmente o tempo da criança, gerando stress e infelicidade.

É importante lembrar que essas crianças precisam viver a infância de forma lúdica, sem exigências ou expectativas exageradas sobre o que serão no futuro. Viver esse período de maneira leve e alegre fará a diferença para a criança. Nessa perspectiva, Santos (2013, p. 19) complementa que:

“Crianças, o futuro do nosso país”, este discurso vem sendo utilizado há muito tempo pelos adultos. Vem dizer da promessa de um futuro ilusório que os adultos depositam na infância. Como se as crianças pudessem fazer mais do que os adultos de hoje, especialmente do que eles não conseguiram, ser felizes, bons e produtivos. Mas que futuro é esse? A infância não está perdendo cada vez mais seu sentido? Hoje as crianças estão parecendo “mini adultos”, e a infância está cada vez mais curta. Através da maneira com que as crianças estão sendo educadas hoje, serão no futuro melhores adultos do que somos hoje? Irão ser mais felizes e bem sucedidos? A infância da contemporaneidade está moldando novas formas de subjetividades, estamos falando da cultura do capitalismo, do individualismo, de um novo status que a infância adquire a partir dos moldes que a sociedade produz. Nessa

sociedade não se permite lugar para a falta, para o fracasso, para a perda. Busca-se incessantemente a felicidade, ser melhor, vitorioso...

Essa leitura de mundo reforça o fato de que na sociedade contemporânea ocorre uma preocupação antecipada e exacerbada dos pais para que com as crianças se tornem um profissional de sucesso, muitas dessas escolhas são idealizadas pelos adultos.

Figura 2: “Homem Bebê” de Cristina Salgado, 2009.



Fonte: http://www.rioecultura.com.br/expo/expo_resultado2.asp?expo_cod=1973

A obra “Homem Bebê” de Cristina Salgado traz à tona algumas questões referentes às exigências descabidas à fase infantil. É comum ver jovens frustrados em profissões que não foram de sua preferência, pois tiveram que responder a uma expectativa dos adultos quando ainda eram crianças. Esse mundo ilusório se criou a partir de comportamentos capitalistas, em que as pessoas passam a se preocupar com seus itens de consumo e com seu *status* no corpo social. Infelizmente, o projeto de natureza foi deixado de lado.

Outro aspecto que pode ser trazido para a discussão nessa seção, diz respeito à presença da tecnologia na contemporaneidade. A tecnologia, por sua vez, é de fato um dos grandes avanços das últimas décadas. Borges (2007, p. 92) aponta que “Nas sociedades contemporâneas, os meios de comunicação aparecem como importantes agências de

socialização, em interação com as instituições mais tradicionais, como a família, a escola e a igreja, na formação das novas gerações”. Então, para pensar a infância na contemporaneidade, não há como ignorar o uso das novas tecnologias e principalmente das mídias sociais.

Momo (2007) considera que no mundo contemporâneo transitam dois diferentes discursos sobre a infância. O primeiro, sobre uma infância dócil, obediente, ingênua e desprotegida. Essa visão se mostra presente na contemporaneidade com a superproteção dos pais com seus filhos, prejudicando sobremaneira a formação infantil, pois com essa atitude a criança se torna frágil frente aos desafios do mundo. O segundo discurso, que também atravessa à pós-modernidade e tem ressonância com o que será tratado nas próximas seções, passa a ver a infância de maneira interligada com o que acontece no mundo. Nesse sentido, é possível afirmar que

São crianças que procuram de modo incansável se inscrever na cultura globalmente reconhecida e fazer parte de uma comunidade de consumidores de artefatos em voga na mídia do momento; que produzem seu corpo de forma a harmonizá-lo com o mundo das imagens e do espetáculo; que se caracterizam por constantes e ininterruptos movimentos e mutações. São crianças que buscam infatigavelmente a fruição e o prazer e, nessa busca, borram fronteiras de classe, gênero e geração. São crianças que vão se tornando o que são, vivendo sob a condição pós-moderna. (MOMO; COSTA, 2010, p. 969).

Nesse viés, toma-se o fato das crianças se dotarem de atitudes instantâneas, imediatas e momentâneas. Atraem-se facilmente por aquilo que está em alta nas mídias, tornam-se precocemente consumidores e acabam forjando o seu contentamento em itens de consumo, cansando-se precipitadamente desses. Essas situações e outras tantas levam à adultização infantil, temática que será trabalhada no próximo capítulo.

4 A ADULTIZAÇÃO INFANTIL

A influência das tecnologias junto às crianças, a maneira que os professores exigem das crianças atitudes para além do seu tempo, o excesso de atividades extracurriculares e a pressão dos pais em relação ao comportamento dos filhos, a fim de atender as expectativas dos adultos, são alguns dos exemplos de situações que levam a uma adultização infantil. Ferreira, Ferreira e Melo (2021) trazem que o fenômeno da adultização não é necessariamente um conceito novo. Mas, na contemporaneidade, passa a assumir novas nuances, características e estilos. Diante do exposto, vale lembrar que as crianças na antiguidade já tinham comportamentos similares aos adultos.

Pensando na adultização infantil que se vê nos dias atuais, Kalamar e Castilhos (2020, p. 181) apontam “[...] que as crianças não vivem mais como deveriam agora, elas têm a agenda cheia, preocupam-se com a beleza e até mesmo com a roupa”. Essas são preocupações não condizentes com esse estágio da vida, visto que essa é uma forma de “desaparecimento da infância”.

Nesse sentido, Postman (1999, p. 18) afirma que “Para onde quer que a gente olhe, é visível que o comportamento, a linguagem, as atitudes e os desejos – mesmo a aparência física – de adultos e crianças se tornam cada vez mais indistinguíveis”. Essa maneira de enxergar a infância tem sido normalizada e padronizada, tanto entre as crianças como também entre os adultos que, de certa forma, acabam incentivando e valorizando essas atitudes. Para o autor Hensel (2015, p. 16), a adultização infantil provoca “[...] o aumento do consumo, da obesidade, da erotização precoce, da violência, do estresse familiar e do sedentarismo infantil”.

As duas imagens a seguir contribuem para que se pense na pressão que a criança enfrenta em seu entorno, seja pelas expectativas dos pais, pela influência da tecnologia e também pelas exigências da própria escola, fazendo com que os pequeninos carreguem o peso da cobrança e do contato com o mundo adulto. Todas essas situações de apelo contribuem para o término precoce da infância, fazendo com que as próprias crianças não se enxerguem mais como crianças.

Figura 3: Arthur Aleixo, Jornal do Campus, USP



Fonte: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2015/11/isto-nao-e-brincadeira/>

Figura 4: Diário de Pernambuco



Fonte: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2015/06/quem-se-lembra-o-que-era-ser-crianca.html>

O uso indiscriminado da tecnologia por parte das crianças acaba privando as mesmas de interagir com seus pares. Assim como as priva de brincadeiras e descobertas a partir do

lúdico, que é essencial nessa fase da vida. As brincadeiras na infância contribuem no preparo para as etapas subsequentes e para a vida. Através do lúdico a criança entra em contato com a oportunidade de negociar, de avaliar riscos, de conviver com o outro e com as regras, de buscar a solução para os problemas, de praticar a empatia, de desenvolver a coragem, etc.

Para Postman (1999, p.18) “Tanto quanto as diferentes formas de vestir, as brincadeiras de criança, antes tão visíveis nas ruas das nossas cidades, também estão desaparecendo”. É preciso atentar a essa sociedade midiática e estimular as crianças a brincarem, correrem, divertirem-se junto de seus coetâneos, vestirem-se como crianças (evitando o uso de roupas que não condizem com sua idade), etc.

Conforme Araujo, Niebuhr e Aguiar (2019, p. 1):

O fenômeno adultização se manifesta em nossa sociedade de diferentes formas, seja em fatos históricos onde se tem relatos de crianças iniciado sua jornada de trabalho cedo demais ou na atualidade onde temos crianças cada vez mais integradas com a mídia, fama e bens de consumo.

Por isso, o próximo capítulo busca problematizar o uso excessivo das mídias sociais na infância.

4.1 As mídias sociais como propulsora da precocidade infantil no mundo adulto

Segundo Terra e Sousa (2019, p. 3), “Vivemos em uma sociedade midiaticizada, caracterizada pela centralidade da mídia nas mais diversas dimensões da vida contemporânea”. Alguns exemplos de mídias sociais podem ser elencados: as redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp, TikTok, Twitter, YouTube etc), os jogos on-line, os programas de televisão, as novelas, as propagandas, os blogs, as revistas, os jornais, as rádios, os e-mails, os folders, entre outros.

A autora Silva (2019, s/ p.) expressa que “À medida que a humanidade foi evoluindo, novos meios de comunicação foram surgindo, as tecnologias foram modernizando e o seu uso se tornou cada vez mais necessário”. De fato, o uso das tecnologias tem se tornado indispensável na sociedade, visto que ela traz facilidades e diferentes formas de comunicação entre as pessoas. Costa (2022) ainda aponta que “Assim como a tecnologia altera de acordo com o tempo, a tecnologia também altera o tempo, a sociedade e, principalmente, a infância”.

Diante deste argumento, faz-se oportuno trazer a reflexão sobre a forma que as tecnologias estão sendo introduzidas na vida do ser humano. Crianças, desde muito novas, acabam sendo expostas a conteúdos que não correspondem com a sua idade, principalmente

quando o uso dessas mídias sociais é feito sem a supervisão de um adulto. Destacam-se, também, as situações em que doenças são causadas pelo excesso de tecnologia, assim como a obesidade, o comprometimento da coluna, os problemas de visão, entre outras situações.

O autor Prensky (2001, p. 1 apud FANTIN, 2016, p. 606) descreve os nativos digitais como “[...] crianças que já nascem num mundo caracterizado pela presença das tecnologias e da mídia digital e que isso produziria mudanças em seu perfil cognitivo, que seriam mais rápidas, multitarefas e autorais”. Sem dúvida, há um encantamento por parte das crianças com os aparelhos eletrônicos, visto que há diferentes jogos e muitas cores (SILVA, 2019). Porém, Fantin (2016, p. 608) atenta que “[...] o fato de crianças navegarem com desenvoltura pela internet nem sempre significa que elas saibam o que estejam fazendo enquanto navegam”.

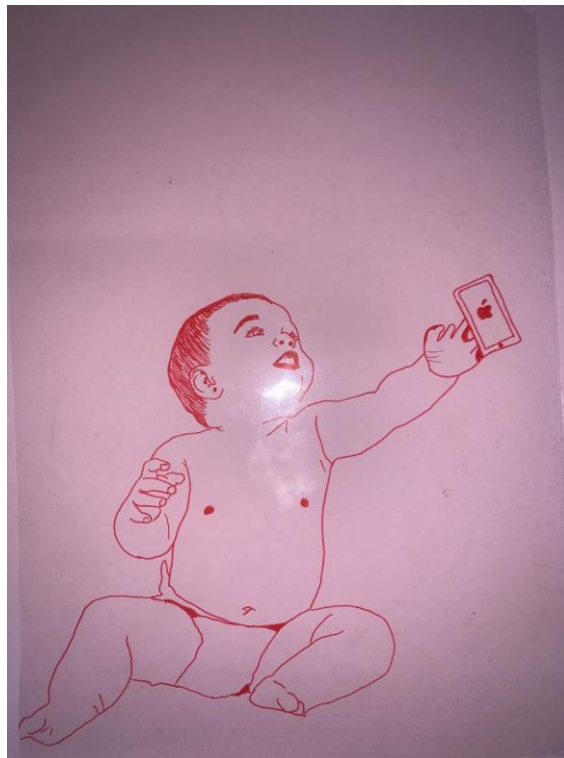
Essa cultura digital acaba substituindo as brincadeiras e os brinquedos, até mesmo as atividades escolares. Tal situação tem mudado a visão de mundo que as crianças têm hoje. Em vista disso, trazem-se as seguintes imagens para dialogar com essas questões.

Figura 5: 4daddy



Fonte: <https://4daddy.com.br/como-protger-seus-filhos-dos-perigos-da-internet/>

Figura 6: Produção da autora, 2022



Fonte: arquivo pessoal da autora

Figura 7: Vida & Ação, 2016



Fonte: <https://www.vidaacao.com.br/dez-bons-motivos-para-tirar-o-celular-do-seu-filho/>

O uso precoce das mídias acaba influenciando a vida dos pequenos sobremaneira, pois se tornou comum ver crianças que não saem do próprio quarto ou não se divertem com seus amigos, pois preferem seus jogos online ou suas redes sociais. Bebês desde os primeiros meses de vida passam a ter contato com celulares e *Tablets*, prejudicando a motricidade ampla e causando sérios prejuízos de socialização. As crianças, por vezes, estão na companhia de seus pares, contudo, elas se encontram isoladas na frente da tela, cada uma em seu mundo próprio. É preciso tomar cuidado, pois as crianças estão em uma fase importante de suas vidas e devem se desenvolver a partir das vivências coletivas, que não podem ser limitadas a uma tela.

A autora Borges (2007) aponta que esse envolvimento das crianças com a tecnologia tem provocado debates polarizados acerca do real significado desses meios para a infância. De um lado, aponta-se para a morte da infância, visto que os meios de comunicação promovem a comercialização da violência, da sexualidade e da própria infância, sendo que estes, em grande parte, são os motivadores dos comportamentos violentos e da sexualidade precoce.

De outro lado, alguns pensadores apontam os benefícios das tecnologias, destacando que elas incentivam a criatividade, estimulam a aprendizagem e permitem a construção de uma cultura coletiva. Entretanto, essa segunda visão necessita estar acompanhada de um olhar atento dos pais, para que estes possam avaliar se aquilo que seus filhos estão assistindo é prejudicial ou não para a sua idade e para o seu desenvolvimento saudável.

Juntamente com essas posturas se faz necessário o diálogo, com o intuito de instrumentalizar as crianças, de maneira crítica e consciente, para esse mundo midiático. Sendo assim, percebe-se a importância da mediação adulta junto à família e à escola. O educador pode ajudar a família a entender suas funções de adultos em relação às crianças.

Outro aspecto que pode ser trazido para a discussão se refere à influência da cultura das mídias sociais na “padronização” dos produtos consumidos pelas crianças. Brinquedos, roupas, jogos eletrônicos, entre outros, têm sido as maiores formas de lucro do mercado no mundo. Fantin (2016, p. 604) diz que:

Na relação entre infância, mídia e economia, a participação das crianças ocorre tanto pela produção quanto pelo consumo infantil. Os produtos culturais para a infância (livros, cinema/filmes, televisão, jogos) e outros produtos de consumo para crianças (moda, guloseimas, material escolar, serviços recreativos) fazem parte de um dos segmentos de mercado de difusão mundial.

Segundo Mendes (2010, p. 12) “[...] houve uma completa inversão de posições. Quem manda são os pequenos. Está nessas fragilidades o principal interesse do mercado de consumo. Seduzindo as crianças há uma enorme possibilidade de ‘reter na fonte’ o salário dos pais”. Dessa forma, o consumismo infantil acaba sendo despropositadamente normalizado e despercebido.

Figura 8: Pinterest, Guabiras Cartunista



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/298152437807957176/>

A charge traz, de maneira cômica e crítica, a enxurrada de propagandas e marcas que a criança está à mercê no dia a dia. Infelizmente a criança não tem capacidade de entender e lidar com essa torrente de informações, necessitando da presença constante dos pais e professores para orientá-la.

Figura 9: RedeNutri, 2016

Fonte: http://ecos-redenutri.bvs.br/tiki-read_article.php?articleId=1501

Essa imagem foi editada propositalmente e traz à tona o consumismo infantil por meio das propagandas de televisão, pois é comum ver que os adultos introduzem nas crianças, desde bebês, o uso de determinadas marcas que estão em ascensão no momento. Também os desenhos e jogos infantis que são inseridos na rotina dos pequenos estão ilustrados nessa imagem. A criança nessa fase ainda não possui maturidade para escolher aquilo que lhe é positivo ou não e, por isso, pode acabar consumindo algo que não está de acordo com o que ela de fato precisa. Para Araújo, Niebuhr e Aguiar (2019)

As propagandas implicam sonho, felicidades, e valores imateriais. Os adultos sabem disso, mas as crianças, em fase de formação de caráter, realmente acreditam no que nos meios de comunicação dizem e mostram. Estamos falando de um ser que não consegue abstrair: o simbólico e a realidade

Por isso, o adulto enquanto responsável, deve reavaliar a forma que é introduzido o consumismo na fase da infância. O consumismo “[...] leva as próprias crianças ao desejo de se tornarem adultas, cuja preocupação com os padrões estéticos relacionados ao corpo e ao consumo se tornam parte do cotidiano” (OLIVEIRA; SILVA; PASCHOAL, 2020, p. 1869). É fato que as crianças, na fase infantil, jamais deveriam sofrer pressão alguma em relação a sua estética e seu corpo, porém, na atualidade, isso tem se tornado cada vez mais comum. A autora Guizzo (2009) alerta que a valorização do consumo nessa faixa etária tem se tornado uma tendência mundial. Ainda segundo a autora:

De diferentes lugares e segmentos surgem infinitas opções para atender às expectativas de consumo desse público: filmes, desenhos animados, livros,

músicas, produtos de higiene e beleza, roupas, sapatos, acessórios, brinquedos, jogos eletrônicos, computadores, alimentos, entre outros (GUIZZO, 2009, p. 99).

A hipervalorização do mundo do consumo necessita ser pauta de diálogo entre pais e filhos, para que as crianças não venham a se contagiar por esse mundo tóxico do ter em excesso, em que “[...] vivem o mundo das visibilidades no qual, mais do que ter, é importante parecer: parecer ter parecer ser” (MOMO; COSTA, 2010, p. 976).

Figura 10: GZH, 2019



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/03/eu-querocomo-lidar-com-o-consumismo-infantil-cjsywp743016x01ujuii4ioa7.html>

Figura 11: 4Daddy, Renato Godoy



Fonte: <https://4daddy.com.br/consumismo-infantil-um-problema-de-todos/>

Ao proporcionar às crianças, de maneira indiscriminada, os mais diversos produtos, passa-se a contribuir na aquisição daqueles produtos que mais estão em ascensão nas mídias sociais, incentivando o consumismo infantil. Essa prática está relacionada na dinâmica padronizada da sociedade, ou seja, na busca de uma aceitação pelo grupo social que está inserido. Nesse viés, Camargo e Júnior (2011, p. 241) apontam que:

De forma mais geral, podemos dizer que o consumo envolve a ideia de “compra de produtos” e também todas as atividades necessárias para a viabilização desse produto, como produção, armazenamento, distribuição e venda. Ou seja, no consumo as pessoas adquirem somente aquilo que lhes é necessário para sobrevivência. Já no consumismo a pessoa gasta tudo aquilo que tem em produtos supérfluos, movidos pelo desejo (prazer) que muitas vezes não é o melhor para ela, porém é o que ela tem curiosidade de experimentar devido ao apelo dos produtos de marca.

Estimular esse consumismo exacerbado e incontrolável é um dos fatores que incitam a adultização infantil, pois acaba trazendo preocupações e até frustrações precoces. Por exemplo: a obesidade infantil; a antecipação do consumo de álcool; drogas e tabaco; a erotização precoce de meninas que com pouca idade já utilizam maquiagem e roupas curtas e justas para frequentarem a escola. Borges (2007, p. 96) afirma que:

As representações sobre o corpo, juntamente com a sexualidade, se tornam parte dos conteúdos das culturas infantis contemporâneas, que assim são criadas, em forte medida, pelos adultos, que as difundem através das mídias com o propósito de induzir as crianças a consumir.

Nesse sentido, Guizzo (2009, p. 100) ainda sinaliza que “A preocupação com a aparência cada vez mais atinge as crianças: elas tingem cabelos, gostam de ser ou querem ser magros/as, admiram e almejam ser semelhantes a determinadas personalidades”. Todavia, é pertinente fazer alguns questionamentos: As crianças estão preparadas para passar por situações e problemáticas advindas desse consumismo? Os pais que cooperam com esse consumismo estão realmente contribuindo na educação de seus filhos?

Conforme Oliveira, Silva e Paschoal (2020, p. 1870),

nós adultos enquanto autoridade social, afetiva, educativa e paterna precisamos observar, analisar, reconhecer e auxiliar as crianças e o seu universo infantil, principalmente no que tange ao respeito e à garantia do direito de a criança ser criança, a fim de distanciá-la da característica de miniadulto preconizada pela infância precoce.

Visto que na contemporaneidade, um dos fatores que estimulam excessivamente a adultização é o uso exagerado das mídias sociais, percebe-se que sem dúvida, o fator predominante casuístico desse uso excessivo é a cultura da sociedade em usar as mídias

sociais em excesso. É necessário um cuidado especial para que essas crianças não permitam que todo esse contexto acabe mudando sua personalidade.

Quando o bombardeamento de informações não possui embasamento ou escopo, faz com que o indivíduo se sinta perdido e incompreendido. A maioria das crianças vive dentro dessa lógica contínua e nem sequer se dá conta. Assim, tornam-se motor de dúvidas, angústias e conflitos intra e interpessoais (CONCEIÇÃO, 2018).

O familiar ou até mesmo os próprios professores devem, de certa forma, auxiliar e conduzir essas crianças a navegarem de forma propositiva pelas mídias. Nesse viés, a próxima seção trata das consequências quando isso não acontece, acarretando prejuízos na formação infantil. Nesse sentido, será problematizado a presença do corpo infantil, especialmente corpos femininos que produzem estereótipos de perfeição e sensualidade.

4.1.2 A construção erotizada da imagem do corpo infantil

As crianças, principalmente as meninas, possuem cada vez mais liberdade de navegar pelas redes sociais, e com isso passam a estar mais sujeitas a se exporem de forma sexualizada, através de fotos e vídeos que, sem intenção, acabam virando alvo de pessoas mal intencionadas, sendo que essas situações têm se tornado cada vez mais comum na sociedade contemporânea. Além disso, é comum ouvir relatos de meninas que desde os seus primeiros anos de vida já pintam as unhas, frequentam salões de beleza, sofrem por ter um corpo fora do padrão e usam roupas curtas e justas com o intuito em atender à moda vigente.

Conceitualmente, a erotização pode ser considerada o ato ou efeito de erotizar-se, enquanto a adultização seria um processo de antecipar o fim da infância (JOMBA; SCHLÖSSER; DE MARCO, 2019). Para os gregos, a palavra *éros* é um substantivo masculino que se refere à paixão aplicada ao desejo sensual e ao amor, podendo significar uma representação explícita da sexualidade (ALVES, 2019). Esses conceitos se tornam importantes por mostrarem o significado de erotização, que não condiz com a infância.

Segundo Ferreira e Rocha (2022):

A erotização precoce compreende a incitação do sujeito por ações que não correspondem a sua faixa etária, algo que tornou-se evidente com o avanço das tecnologias, bem como sob influência da mídia, onde há uma estimulação para que crianças venham a se comportar de tal maneira (FERREIRA; ROCHA, 2022, p. 171).

Uma das principais formas de sexualização precoce na contemporaneidade é na exposição de crianças nas mídias digitais. Nesse cenário, uma das redes sociais que está em

maior ascensão no contexto pós-pandêmico e obteve o maior número de downloads em 2020 (CNN, 2020) é o TikTok, onde se encontra com facilidade vídeos em que crianças, muitas vezes com roupas justas e curtas, dançam músicas e fazem coreografias que não condizem com suas idades, sendo algumas músicas até com depreciação da mulher e letras explícitas sobre sexo. Conforme Costa (2022), no TikTok é possível ver que:

A participação ativa dos usuários também é algo que chama a atenção, uma vez que muitos passam de apenas consumidores de conteúdo para produtores, sendo visados para campanhas de publicidade de empresas que acreditam no poder comercial que esses chamados “influenciadores” têm (COSTA, 2022, p. 18).

Esse é um exemplo de como essa situação tem sido cada vez mais normalizada nas redes sociais, pois se encontra até crianças que trabalham como influenciadoras. Freitas e Apolônio (2015, p. 211) complementam que “Em meio ao turbilhão de estímulos midiáticos, as crianças, que deveriam ser associadas com pureza, ingenuidade e inocência, estão cada vez mais cobertas de mensagens com conteúdos polêmicos, expressando intenções de segunda ordem que, algumas vezes, aparecem camuflados”.

Figura 12: Jornal O Povo, 2019.



Fonte: <https://mais.opovo.com.br/jornal/reportagem/2019/03/12/os-perigos-da-erotizacao-precoce.html>

As meninas, ainda na fase da infância, encontram-se tomadas pela influência das mídias sociais e de objetos não condizentes com sua idade, como o batom, o sutiã, o salto alto, etc. Claro que é importante que a criança possa utilizar esses objetos para criar e

imaginar, porém os adultos devem estar atentos à maneira como estão sendo utilizados esses utensílios.

Oliveira, Silva e Paschoal (2020) trazem em seu artigo o polêmico “Editorial Cadeaux”, da revista Vogue Paris de 2010/2011. As modelos, com menos de 10 anos, utilizam maquiagem em excesso, assim como unhas pintadas e topetes extravagantes. O editorial busca mostrar as meninas com roupas e acessórios luxuosos e de grife. Marcas como Gucci e Versace vestem as meninas em peças brilhantes, decotadas e curtas. Acessórios de diamante refletem pelos corpos dessas meninas, assim como sandálias e scarpins enfeitam seus pés.

Figura 13: “Editorial Cadeaux”, Trendland, s/a



Fonte: <https://trendland.com/cadeaux-by-sharif-hamza-for-vogue-paris/>

Figura 14: “Editorial Caudeaux”, Trendlend, s/a.



Fonte: <https://trendland.com/cadeaux-by-sharif-hamza-for-vogue-paris/>

Figura 15: “Editorial Cardeaux”, Trendlend, s/a



Fonte: <https://trendland.com/cadeaux-by-sharif-hamza-for-vogue-paris/>

Essa última imagem traz a modelo em uma posição suntuosa, e até os móveis e a decoração remetem à sexualização. As pernas estão em evidência e a expressão facial, com os

lábios entreabertos, tornam-se incisivas (OLIVEIRA; SILVA; PASCHOAL, 2020). Para Borges (2007, p. 94):

A partir da imagem do corpo toda uma nova cultura do consumo se estabelece, enfatizando a importância da aparência e do visual. Estas representações são divulgadas pelos meios de comunicação de massa, e a realização desse corpo ideal implica em diversos procedimentos, exigindo toda uma rotina de exercícios, dietas, cosméticos, terapias que permitam uma exposição sem limites do corpo. A realização da beleza, num corpo transformado em espetáculo se torna pré-requisito para as relações sociais: a percepção do corpo torna-se dominada pelas imagens da cultura de consumo, refletindo na percepção da vida social e das relações humanas de um modo geral.

Infelizmente, adolescentes e até crianças estão sujeitos a sofrerem por não ter o um corpo padrão exposto nas mídias sociais. Borges (2007, p. 95) ainda complementa que “Basta um olhar para as capas de revistas nas bancas de jornal para percebermos a enorme quantidade de artigos, anúncios, reportagens chamando nossa atenção para os cuidados do corpo”. E esse é um problema existente há anos, antes até da invenção das redes sociais.

Para Ferreira e Rocha (2022, p. 171) “Mesmo sabendo que a sexualidade é natural a toda existência, é notório que a sociedade contemporânea seja marcada, cada vez mais, pela inclusão das crianças ao mundo adulto”. Comprova-se novamente que as crianças na contemporaneidade estão pulando as fases naturais da vida de forma antecipada, por estarem sendo submetidas a situações muito antes de terem capacidade de entender e gerenciar. Para Bolson e Richter (2019):

A objetificação da mulher, portanto, não se dá somente às mulheres adultas, mas, também, às crianças e às adolescentes que, ou por serem tratadas como coisas, ou por serem tratadas como se objeto fosse, deixam de lado suas infâncias para satisfazer os interesses masculinos, frutos de uma sociedade cada dia mais atrasada. (BOLSON; RICHTER, 2019, p. 1).

Evidencia-se aqui, portanto, que um dos grandes fatores atuais que ocasiona essa situação, além da mídia, é também a cultura machista ainda presente na sociedade, que insiste em ter pensamentos retrógrados e ultrapassados. É pertinente lembrar que essa cultura pode condicionar em uma busca eterna pelo dito “corpo perfeito” e dentro dos “padrões”. A autora Borges (2007, p. 96) ainda complementa que “Este fenômeno tem sido observado por pais, educadores e psicólogos, e é expresso, no limite, no surgimento de distúrbios como a anorexia e a bulimia em crianças cada vez mais jovens”. Traz-se novamente a problemática de como as mídias, desde cedo, podem ser disparadoras de doenças e frustrações.

5 O INVESTIMENTO NO SENTIDO AFIRMATIVO E INVENTIVO DA INFÂNCIA

Devido a toda problemática exposta no corpo do trabalho, esse capítulo traz uma perspectiva que busca investir no sentido afirmativo e inventivo da infância durante o processo pedagógico em que as crianças estão, principalmente, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais. Por isso, traz-se a abordagem Vygotskyana.

As crianças, enquanto sujeitos em formação, constituem-se a partir das relações das quais participam com o meio e com os demais sujeitos com quem interagem. Dessa forma, o contexto histórico-cultural, no qual se inserem, tem fundamental importância em suas formações psicológicas e no desenvolvimento de suas personalidades (GAZZOTTI, 2019, p. 48).

Esse fragmento traz à tona o fato de a sociedade influenciar diretamente na formação da personalidade das crianças. Por isso, o educador deve manter um olhar atento aos estudantes, buscando sempre desenvolvê-los sem julgamentos, pressão e cobranças exageradas, e trazendo diferentes experiências escolares. Também “[...] a mediação feita pela linguagem na interação dessa criança com os demais sujeitos e com o mundo é fator fundamental na construção de sua subjetividade” (GAZZOTTI, 2019, p. 49).

Todavia, qual é o sentido de infância a que a pesquisa se refere?

Primeiramente, deve haver a compreensão de que as infâncias são construídas e vividas de formas diferentes nos mais diversos contextos (históricas, sociais e culturais). Hoje, a infância não é mais entendida como um período preparatório para a vida adulta e nem vista de maneira isolada: ela faz parte de um grupo social. Dessa forma, o reconhecimento da criança como construção social implica em dialogar com diferentes realidades e desconstruir a concepção de um modelo ideal de criança. Nessa perspectiva, os espaços escolares e as dinâmicas para a infância não devem ser pensados para as crianças, mas sim com as crianças (BARDEM, 2014).

A prática docente deve ser elaborada pelo viés da ludicidade, e a escola deve ser um local que valorize a criação, reconhecendo as crianças como cidadãos na visão de que as crianças devem “ser crianças” (NOGARO, 2013). Em vista disso, evidencia-se que o brincar, tanto na Educação Infantil, quanto nos Anos iniciais desenvolva a criança para que ela se conheça, desafie-se e construa seus saberes a partir do lúdico.

O brincar [...] expressa a forma como uma criança reflete, ordena, desorganiza, destrói e constrói o mundo a sua maneira. É também um espaço onde a criança pode expressar, de modo simbólico suas fantasias, seus

desejos, medos, sentimentos e os conhecimentos que vão construindo, enriquecendo a sua identidade, experimentando as outras formas de ser e pensar, interagindo e elaborando o sentido próprio de moral e justiça. Brincar é mais do que uma atividade sem consequência para a criança. Brincando, ela não apenas se diverte, mas recria e interpreta o mundo em que vive, se relaciona com este mundo. Brincando a criança aprende. Por isso, cada vez mais os educadores recomendam que as brincadeiras e jogos ocupem um destaque no programa escolar desde a Educação Infantil (RYMOVICZ, 2013, p. 07).

Assim sendo, a escola necessita proporcionar momentos de interação das crianças com seus coetâneos, enriquecendo-os de experiências lúdicas, através de jogos e brincadeiras. Essas vivências estimulam a criança a traçar estratégias e a desenvolver a imaginação pelo faz-de-conta.

Figura 16: Obra de Lene Kilde



Fonte: <https://www.instagram.com/p/ChSvFZhMmpk/?igshid=NTdlMDg3MTY=>

Figura 17: Obra de Lene Kilde, 2018



Fonte: https://hirohiroartspace.com/portfolio/lenekilde_overview_en/

Figura 18: Obra de Lene Kilde, 2021



Fonte: <https://galleriramfjord.no/produkt/lene-kilde-13/#>

As obras da artista Lene Kilde nos instigam a pensar que o ato de brincar permite também que a criança se aproprie do conhecimento, desenvolva habilidades relacionadas à linguagem, cognição, valores e sociabilidade. Ao ser estimulada a se movimentar no brincar, a criança desenvolve aspectos motores e cognitivos, realizando um constante treino entre a

mente e o corpo. Portanto, o planejamento das brincadeiras carece de ser considerado um momento importante para o educador, e necessita ter como objetivo o desenvolvimento das potencialidades a partir da alegria e do prazer.

O faz-de-conta também possibilita que a criança acabe tomando certo distanciamento da vida cotidiana e passe a assumir diferentes personagens e se envolver em jogos simbólicos, possibilitando a experimentação de diferentes ações e realidades (KISHIMOTO, 1995). As obras artísticas a seguir nos apresentam o faz-de-conta, a imaginação e a fantasia, características tão notáveis na fase infantil.

Figura 19: Obra de Lene Kilde



Fonte: <https://galleriramfjord.no/produkt/lene-kilde-sculpture-7/>

Figura 20: Obra de Lene Kilde



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CDJrNR8nplk/?igshid=NTdlMDg3MTY=>

Através da imaginação é que a criança dá sentido às coisas e arquiteta de maneira inventiva sua visão de mundo. É também por meio dela que conquista uma capacidade de enfrentamento frente às circunstâncias desagradáveis e difíceis da vida (SARMENTO, 2003). É no “faz de conta” que as crianças conseguem modificar o real, reconstruindo-o de maneira inventiva e inusitada.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que define as aprendizagens essenciais que todas as crianças devem desenvolver ao longo da Educação Básica. Na BNCC, é exposto que:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2018).

Visto que a BNCC é um documento que merece ser levado à risca nas escolas brasileiras, evidencia-se novamente a importância do brincar e das brincadeiras na Educação Infantil. A relação entre a aprendizagem e o brincar não pode se limitar apenas à teoria, educadores devem estar constantemente estudando e repensando suas crenças, práticas e experiências em prol das crianças. Lançar um olhar afetivo, tratá-los de maneira respeitosa,

manter uma escuta ativa, investir em experiências desafiadoras e colocar em ação a criação, são algumas das práticas de quem deseja se aventurar com os pequeninos.

Nesse viés, “Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças” (BNCC, 2018). Pensar a prática na infância a partir dessa perspectiva é um direito das crianças, visto que elas estão em uma fase essencial de suas vidas. Qualquer detalhe pode comprometer suas vidas no futuro, traumas e frustrações podem ser criadas nessa idade.

A partir do exposto, evidencia-se que a educação “[...] relaciona-se com a ideia da aprendizagem não só como solução de problemas, repetição do modelo de mundo adulto, mas como criação de sentidos sobre o mundo, invenção de possibilidades, com o corpo inteiro” (GUIMARÃES, 2012, p. 90). A obra a seguir mostra uma criança que consegue brincar com apenas duas pedras. Por isso, a imagem remete a simplicidade do brincar. Não é necessário que tenham os melhores brinquedos, mas sim que estejam desimpedidos de criar e imaginar suas brincadeiras.

Figura 21: Lene Kilde



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B2e1B-HIFPw/?igshid=NTdlMDg3MTY=>

O professor precisa estar em constante reinvenção, buscando sempre fugir do modelo tradicional de ensino e abandonando a ideia de que a criança está na escola somente para aprender com folhas xerocadas, atividades maçantes e exercícios repetitivos. Essas situações fazem com que a criança não se sinta confortável na escola, esperando ansiosamente pela hora

do recreio, onde então ela tem condições de ser feliz. As aulas com as crianças, sejam elas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, necessitam estar atravessadas pela experiência, pela inventividade, por propostas desafiadoras.

Compreender a educação como mobilizadora da capacidade da criança de produzir sentido sobre o mundo e não repetir padrões já existentes implica um desenho de espaço e um determinado papel de educador. Ou seja, é necessário levar em conta o diálogo com a expressividade das crianças, o incentivo às suas capacidades de criar cenas, narrativas (com vários suportes), invenção de situações, soluções inusitadas para as questões que emergem no coletivo, permitindo-lhes prosseguir, testar suas hipóteses, experimentar formas novas de relação, sustentar o que constroem. Se prefixarmos tudo, dizendo sempre o que as crianças vão fazer, usando o planejamento como antecipação, já sabemos sempre onde as ações vão chegar (GUIMARÃES, 2012, p. 91).

É preciso ter um olhar atencioso, manter uma escuta ativa, e estar disposto a valorizar as ideias, opiniões e criações das crianças. A intenção é olhar para o que a criança tem a oferecer e não para o que lhe falta.

A partir dessa vertente, há um esforço teórico para pensar a infância em suas positivities, naquilo que ela já é, nas suas capacidades, singularidades e potências – nos devires - e não como uma fase ou etapa passageira, seja de desenvolvimento ou comportamento, nem mesmo pensá-la como aquilo que será, um vir-a-ser adulto. (ABRAMOWICZ; LEVCOVITZ, 2009, p. 194).

É fundamental que as crianças tenham em seu entorno adultos que valorizem suas particularidades e entendam que a infância é um momento mágico, de experimentações e de aprendizados. Sendo assim, as ideias e criações, vindos dos ‘pequeninos’, necessitam ser levadas em consideração. Portanto, os docentes, pais e responsáveis precisam olhar para o que a fase infantil pode oferecer, pois, ao reconhecer a potência desse período, passam a serem “[...] desafiados a romper com uma certa “adulterez” que se vê, tão somente, como maturidade, completude, independência, seriedade, rigorosidade, controle e segurança, o que pode vir a resultar numa certa sisudez e arrogância” (NETO; SILVA, 2007, p. 3).

A infância contemporânea não necessita dessa pressão e rigidez que os adultos insistem em fazer. A criança é singular, peculiar e criativa, por isso ela só necessita que a deixem ser criança. São valiosos os momentos em que até os próprios adultos deixam sua criança interior falar mais alto. Levar a prática docente de forma leve, participando das brincadeiras e socializando no mundo infantil fará a diferença na vida dos ‘pequeninos’. “Neste sentido, a infância não é um privilégio apenas das crianças, mas também dos adultos, que têm como desafio manter viva a própria condição infantil” (NETO; SILVA, 2007, p. 3).

Cardonetti (2014, p.140) explora também essa perspectiva, quando coloca:

Quiçá possamos tecer uma experiência educativa em que não precisemos ter receio de exibir a nossa 'alegria em estado puro', em que nossas ações que dizem 'um Sim incondicional à Vida' não incomodem tanto os outros e em que o estado infante afirmativo e inventivo da própria condição humana não venha a ser tão insuportável assim (CARDONETTI, 2014, p. 140).

Por isso, estar aberto a viver essa experiência é desafiador, mas é um modo de ser e de estar no mundo. Essa prática também se caracteriza pela singularidade, pela imprevisibilidade, pela incerteza e pelo des-controle (NETO; SILVA, 2007). É trabalhoso, necessita de cuidado e cautela, pois estar em meio ao mundo das crianças significa poder aprender com elas e estar disposto a participar, mediar e provocar suas criações. Nesse sentido, o importante é que não se perca a vontade de fazer a diferença na vida dessas potentes e inventivas crianças.

O uso da tecnologia na escola também se torna um tema de interesse, visto que as crianças já nascem inseridas nesse mundo midiático. Como alternativa, Santos (2019) propõe que haja uma formação continuada, e se faz necessária a presença dos educadores em cursos que instiguem novos métodos e formas de ensinar e usem as tecnologias como elemento principal para seu aperfeiçoamento. Os próprios estudantes não toleram a prática docente que não reflete a realidade vivida.

Figura 22: Obra de Lene Kilde



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B6jPuLUn4h7/?igshid=NTdlMDg3MTY=>

Nessa obra, encontra-se a criança “nativa digital”, aquela que nasceu e cresceu na geração da tecnologia. Entretanto, é necessário que o educador saiba mediar e utilizar o uso dos recursos tecnológicos em sala de aula. Mas é importante também que saibam dosar esse uso, pois como visto durante a pesquisa, o brincar e as experimentações são essenciais na infância. Nesse viés, traz-se necessário que as mídias sejam vistas

não apenas como meros recursos didáticos, mas também como artefatos culturais, reconhecendo a importância da inserção desses recursos nos processos educativos também como fontes diferentes de pesquisa e de compreensão e expressão de ideias, criatividade e invenções (CRUZ; FONTANA; VENTURA, 2020, p. 180).

Portanto, entende-se que “[...] a tecnologia, por si só, não faz mal a ninguém, o que prejudica é o uso excessivo e descontrolado dela [...]” (PETRI; RODRIGUES, 2020, p. 21). Por isso, faz-se necessário lembrar que os jogos online também podem despertar a imaginação das crianças, porém não movimentam seus corpos, não estimula o contato físico, além de que elas podem acabar não sabendo diferenciar o real do virtual. Por isso, precisa-se resgatar as brincadeiras tradicionais, buscar um equilíbrio no uso das tecnologias, levando em conta que o brincar é de fundamental importância e traz inúmeros benefícios para uma melhor qualidade de vida na infância (PETRI; RODRIGUES, 2020).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa temática, nos dias atuais, é de extrema relevância, pois a adultização infantil se vê das mais diversas formas no cotidiano: o acúmulo de atividades escolares e extraescolares para ser um adulto bem preparado no futuro; na cobrança dos pais para ser um profissional de sucesso, na influência das mídias que acabam incentivando o consumismo e a sexualização precoce, entre outros. Durante a investigação, a autora se deparou com pesquisas, informações, dados, imagens, obras de arte, charges, anúncios publicitários, etc, que até então não eram de seu conhecimento, mas reforçaram a importância de estar atenta a esse tema tão significativo e desafiador, visto que a mesma será uma pedagoga.

Com base nas pesquisas, considera-se que foi atingido o objetivo geral de analisar as causas e as consequências da adultização precoce na infância, visto que houve uma investigação sobre a adultização nos séculos passados também. Como já foi colocado, na Idade Média as crianças eram consideradas “mini adultos”, hoje, elas também são expostas ao mundo adulto, sem terem o preparo e estrutura para lidar com as exigências e facilidades do mundo contemporâneo. O desaparecimento da infância, evidenciado por Neil Postman (1999), está materializado na agenda lotada das crianças, na preocupação exagerada com a aparência infantil, no consumo indiscriminado de roupas da moda.

Considera-se que o estudo da historicidade fez diferença no andamento da pesquisa, pois a partir dele se entendeu que a sociedade se altera e se transforma com o tempo, e que a infância acaba se moldando às diferentes realidades e contextos. Na contemporaneidade, o avanço das tecnologias e o uso das mídias digitais em massa, como redes sociais, programas televisivos, jornais digitais (onde muito se propaga as *fake news*), são alguns dos disparadores da adultização infantil. Além do mais, esse cenário tem mudado a rotina das famílias, porque é encontrado com facilidade pais que liberam seus *smartphones* para que os filhos não façam barulho ou não os importune.

Constata-se então que as mídias sociais são potencializadoras na influência da adultização infantil, visto que as crianças são expostas as mais variadas redes sociais, onde se deparam com conteúdos não condizentes com suas idades, ainda mais nos momentos que estão sem a supervisão de um adulto. Ademais as mídias influenciam as crianças ao consumismo, seja de roupas, acessórios, jogos online, etc. Esse consumismo não deveria estar desenvolvido nessa idade, pois não deve ser uma preocupação da criança. O TikTok, durante e após a pandemia, foi a rede social mais polêmica e mais utilizada. Nela, pode-se encontrar

com facilidade meninas dançando músicas com letras de baixo-calão, utilizando roupas curtas e justas, situação que pode ocasionar diversos problemas.

A autora considera que um estudo minucioso e específico sobre crianças e suas relações e exposições nas redes sociais seria muito pertinente para um trabalho futuro. Por isso, para pesquisas subsequentes, a autora buscará trazer com maior vislumbre a cultura do TikTok, que se pauta no compartilhamento de vídeos curtos e rápidos, mas que na grande parte dos casos é utilizado de maneira imprudente, com conteúdos grosseiros e rudes, muitas vezes com músicas e coreografias repetitivas. Além disso, o Instagram, uma das redes sociais mais utilizadas, também está adentrando a essa cultura por meio dos *Reels*, e dos *influencers*, e tem feito crianças, e até adultos a usarem horas do seu dia assistindo a esses vídeos.

Outro interesse investigativo para o futuro se refere ao estudo particular sobre a erotização precoce de meninas, principalmente na fase dos 10 aos 15 anos, pois a autora, em suas experiências de estágio durante a graduação, deparou-se com as mais variadas situações e sente que essas ocasiões não condizem com essa etapa da vida.

O uso de imagens serviu como um disparador de reflexões a respeito do tema do trabalho, uma vez que a imagem pode ativar pensamentos e gatilhos que o texto muitas vezes não consegue. Na pesquisa das imagens, buscou-se àquelas que acionassem o pensar, contribuindo na problematização dos diferentes aspectos abordados no estudo. As visualidades apresentadas significam, de certa forma, que esse tema está em evidência. Nesse aspecto, para próximos estudos, a autora buscará trazer o uso e o impacto de imagens através de uma abordagem da Ontopsicologia, ciência criada por Antonio Meneghetti que estuda de forma interdisciplinar a atividade psíquica do ser humano.

O último capítulo traz que o brincar é essencial durante o percurso escolar. O ambiente e o professor devem estar preparados com jogos e brincadeiras que desenvolvam os estudantes, e que os auxiliem a pensar, criar, imaginar e potencializar a construção e a experimentação do conhecimento. É preciso ter a noção de que educar significa mediar às situações de aprendizagens. Pela visão de Loris Malaguzzi, é necessário que haja uma escuta ativa por parte do educador, e essa escuta não é aquela somente com os ouvidos, mas com todos nossos sentidos (RINALDI, 2012).

Por conseguinte, traz-se também a importância do professor se permitir viver a experiência, ser mediador, mas também participativo, pois isso traz uma abordagem diferente, as crianças se sentem mais motivadas e envolvidas com o que for proposto. A desconstrução do previsível é emergente nas escolas, pois o educador deve estar preparado para ser criativo

nas mais diversas situações, ter uma “carta na manga” sempre é essencial para o andamento das aulas.

Figura 23: Obra de Lene Kilde



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CX6uMSWMUbK/?igshid=NTdlMDg3MTY=>

Para finalizar, talvez a imagem escolhida para encerrar essa escrita possa expressar/disparar a importância do docente e da criança no processo educativo. Ambos não estão prontos, pois eles estão a se fazer dia após dia, sempre em invenção contínua. Desconstruir a concepção de um modelo ideal de criança ou de um vir a ser adulto é, com certeza, o maior desafio do docente. Por isso, faz-se urgente pensar a infância em suas positivities, singularidades e potências, ou seja, naquilo que a própria condição infantil já apresenta.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Infâncias em Educação Infantil. **ProPosições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), set./dez. 2009, p. 179-197.
- ALVES, Amanda Paulino. **Violência contra crianças e adolescentes: uma breve análise sobre a erotização infantil precoce**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito), Universidade Federal da Paraíba, Santa Rita, 2019.
- ARAUJO, Saraina Gonsalves de; NIEBUHR, Miriam Cestari; AGUIAR, Giancarlo de. **A adultização da criança na atualidade face à mídia influenciadora**. Anuário Pesquisa E Extensão Unoesc Videira, v. 4, 2019, p. 1-15.
- ARIÈS, Phillippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- BARDEM, Silvana Capelli. Olhares sobre a criança e a infância e suas implicações político-pedagógicas. **Cadernos de Educação**, v.13, n. 26, jan. jun., 2014.
- BERNARTT, Roseane Mendes. A infância a partir de um olhar sócio-histórico. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO -EDUCERE, 9, 26 a 29 out. 2009. **Anais**. Curitiba: PUCPR. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2601_1685.pdf. Acesso em: 01 nov. 2022.
- BOLSON, Gabriela. RICHTER, Daniela. **A objetificação da mulher e a erotização precoce de crianças e adolescentes meninas, análise da paródia “vai baranga” de Mc Melody? VI Seminário Internacional de Direitos Humanos e Democracia**. UNIJUÍ, mar. 2019.
- BORGES, Eliane Medeiros. Corpo, espetáculo e consumo: novas configurações midiáticas para a infância. **Media & Jornalismo**. N. 11, 2007, p. 91-103.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2010.
- CAMARGO, Sônia de Fátima; JÚNIOR, Hélio Vieira. Reflexo do consumismo infantil no ambiente escolar. **Revista Eventos Pedagógicos**. v.2, n.2, ago./dez. 2011, p. 239–247. Disponível em: <https://periodicos2.unemat.br/index.php/rebs/article/view/9109/4966> Acesso em: 14 nov. 2022.
- CARDONETTI, Vivien Kelling. **Experiências educativas: ressonâncias de intercessões fílmicas**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- CONCEIÇÃO, Natalia dos Santos. A formação do jovem: relação entre os principais estereótipos e a responsabilidade pessoal. **Saber Humano**, Edição Especial: Cadernos de Ontopsicologia, mar. 2018, p. 145-153.

COSTA, Júlia Verdade. **Vídeos para o TikTok: implicações da cultura digital nas produções de crianças e adolescentes.** 2022. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

CRUZ, Dulce Márcia; FONTANA, Klalter Bez; VENTURA, Lidnei. As mídias no cotidiano da educação infantil na perspectiva dos acadêmicos do curso de pedagogia. **Revista Teias**, v. 21, n. 60, p. 177-192, 27 fev. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro.

FANTIN, Monica. Múltiplas faces da infância na contemporaneidade: consumos, práticas e pertencimentos na cultura digital. **Rev. Educ. Públic.** Cuiabá, v. 5, n. 59/2, p. 596-617, maio-ago., 2016.

FERREIRA, Cicero Emanuel Dias. ROCHA, Regina Petrola Bastos. Reflexos de uma sociedade contemporânea acerca da erotização precoce. **Revista REVISE**, v. 9, 2022, p. 169-184.

FERREIRA, Hugo Monteiro; FERREIRA, Fernando Ilídio; MELO, Bruno César de Farias. A adultização infantil na contemporaneidade: as escolhas das crianças. **Humanidades & Inovação.** Palmas, Tocantins. V. 8, n. 68, p. 208-223, dez. 2021.

FERREIRA, Franciele. CARVALHO, Fabiana Aparecida de. Da invenção da infância aos direitos da criança. *In: IV Simpósio Internacional de Educação Sexual: Feminismos, identidades de gênero e políticas públicas.* **Anais**, 2015, Maringá.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: Apostila, UEC, 2002.

FREITAS, Ana Augusta Ferreira de; APOLÔNIO, Lygia Pessoa Mineiro. Nascidos para comprar: notas sobre o consumismo infantil. **Rev. Zero-a-seis.** V. 17, n. 32 p. 210-223. Florianópolis, jul-dez 2015.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e a adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 2007.

GAZZOTTI, Danielle. **Afetividade, emoção e vínculo nas relações escolares: uma perspectiva histórico-cultural.** 2019. 194 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Usp, São Paulo, 2019. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-13062019-102911/publico/gazzotti_corrigida.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Daniela. Educação Infantil: espaços e experiências. *In: CORSINO, Patrícia (org).* **Educação Infantil: cotidiano e políticas.** Campinas: Autores Associados, 2012, p. 89-99.

GUIZZO, Bianca. Infância contemporânea, consumo e moda. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 11, n. 19-20. p. 96-112, 2009.

HENSEL, Laís Carla. **Influências da mídia no desenvolvimento infantil.** 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Setor de Ciências Humanas, Unijuí – Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande Do Sul, Santa Rosa, 2015.

HERNÁNDEZ, Fernando Hernández. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L (org.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 30-61.

HERNÁNDEZ, Fernando. La investigación basada en las artes: propuestas para repensar la investigación en educación. *Educatio Siglo XXI*, **Revista de la Facultad de Educación de la Universidad de Murcia**, v. 26. 2008. p. 85-118.

IBGE. **Estatísticas Sociais**. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20073-pnad-continua-tic-2016-94-2-das-pessoas-que-utilizaram-a-internet-o-fizeram-para-trocar-mensagens> > Acessado em 04 Abr. 2022.

JOMBA, Tayana de Oliveira; SCHLÖSSER, Adriano; DE MARCO, Taisa Trombetta. **Mídia e erotização/adultização infantil**: apontamentos teóricos. *Anuário Pesquisa E Extensão Unoesc Videira*, v. 4, 2019.

KALAMAR, Lucicléia. CASTILHOS, Grasiela Pereira da Silva. Infância na sociedade contemporânea: um estudo sobre o processo de adultização infantil. **Revista Panorâmica online**, [S. I.], v. 31, n. 1, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1193>. Acesso em: 6 dez. 2022.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a Educação Infantil. **Pro-Posições**. Vol. 6, n. 2, jun. 1995

LOBO, Ana Paula Santos Lima Lanter. Infância, história e crianças no Brasil: aproximações e tensões. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, n. 10, p. 97-107, jul./dez. 2013.

MENDES, Carolina de Paula. **Consumismo Infantil**. 2010. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Gestão de Negócios, UFMG, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/42740/1/Monografia.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MOMO, Mariangela; COSTA, Marisa Vorraber. Crianças escolares do século XXI: para se pensar uma infância pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, set./dez. 2010.

MOMO, Mariangela. **Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à Escola**. 2007. 366 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRS, Porto Alegre, 2007.

NETO, Elydio dos Santos; SILVA, Marta Regina Paulo da. **Quebrando as armadilhas da “adultez”**: o papel da infância na formação das educadoras e educadores. São Paulo: UMEP, 2007.

NIEHUES, Mariane Rocha; COSTA, Marli de Oliveira. Concepções de Infância ao longo da história. **Rev. Técnico Científica (IFSC)**, v. 3, n. 1, 2012.

NOGARO, Arnaldo. RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012. **Perspectiva**, Erechim. v.37, n.140, dez. 2013.

OLEQUES, Bruna Guerra; ZUCOLOTTI, Marcele Pereira da Rosa. “Casa das Estrelas”: uma análise da infância na contemporaneidade. **Id On Line Revista de Psicologia**, [S.L.], v. 13, n. 44, p. 841-854, 27 fev. 2019. Lepidus Tecnologia.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de.; CHARRÉU, Leonardo Augusto. Contribuições da perspectiva metodológica “Investigação Baseada nas Artes” e da A/r/tografia para as pesquisas em educação. **Educação em Revista**, Jan-Mar, 2016.

OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de; SILVA, Larissa Delgado Bueno da; PASCHOAL, Jaqueline Delgado. Os lugares da infância nos editoriais de moda: uma análise sobre a adultização da criança na sociedade do consumo. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp. 3, p. 1856-1872, dez. 2020.

PETRI, Ivonilda Soares; RODRIGUES, Raquel Flores de Lima. Um olhar sobre a importância do brincar e a repercussão do uso da tecnologia nas relações e brincadeiras na infância. Um olhar sobre a importância do brincar e a repercussão do uso da tecnologia nas relações e brincadeiras na infância. **Research, Society and Development**, v. 9, ed. 9, p. 1-30, 20 ago. 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7368/6480>. Acesso em: 4 dez. 2022.

PLÁCIDO, Elane da Silva; SANTOS, Maria da Conceição. O ser criança e a sexualização infantil em face ao discurso midiático: o caderno rosa de Lori Lamby. **Conexões: linguagens e educação em cena**, [S.L.], p. 171-188, 30 abr. 2021. Editora Amplla.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. Tradução: Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da. História da Infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes. **Analecta**, Guarapuava, Paraná, v.3, n. 2, p. 51-63, jul./dez., 2002.

RYMOVICZ, Marcia Terezinha Pacheco. **O Brincar Na Educação Infantil**: A Compreensão De Pais Das Crianças De 3 Anos Do Cmei Pedacinho Do Céu De São Mateus Do Sul. Curitiba, 2013.

SANTOS, Eliana de Fátima Borges dos. **Formação continuada de professores**: um olhar sobre o uso das mídias sociais na educação infantil. Orientador: ARAÚJO, Mônica Ribeiro de. 2019. 33 f. Trabalho de Conclusão de Especialização (Especialização). Especialização em Mídias na Educação, Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SANTOS, Josiane Andressa Machado dos. Orientador: DIAS, Ana Maria de Souza. **A infância na contemporaneidade**. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Psicologia, Departamento de Humanidades e Educação, UNIJUÍ, Ijuí, 2013.

SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SILVA, Jussara Nazaro da. **Uso das tecnologias na primeira infância**: promovendo os benefícios da cultura digital. 2019. 22 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização Mídias na Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

SILVEIRA, Ana Paula; SOUZA, José Edimar de. A infância na contemporaneidade e a construção dos saberes. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**. Ivoti, v. 5, n.1, p. 65-71, jan-jun., 2017.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, [s. l], v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

TERRA, Carolina Frazon; SOUSA, Gisela Maria Santos Ferreira de. Opinião Pública em tempos de mídias sociais: midiatização, comunicação desintermediada e Memes. In: XIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas, 2029, São Paulo. **Anais**: Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (Abrapcorp), p. 164-177.